



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

NATÁLIA DOS SANTOS BRITO RODRIGUES

**“O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA”: DA TRADIÇÃO
ORAL À NARRATIVA MODERNA**

**GUARABIRA-PB
2019**

NATÁLIA DOS SANTOS BRITO RODRIGUES

**“O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA”: DA TRADIÇÃO
ORAL À NARRATIVA MODERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura Infantil e juvenil

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R235f Rodrigues, Natalia dos Santos Brito.
"O fantástico mistério de Feiurinha" [manuscrito] : da tradição oral à narrativa moderna / Natalia dos Santos Brito Rodrigues. - 2019.
36 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Conto de fadas. 2. Cultura oral popular. 3. Literatura infantojuvenil. 4. Pedro Bandeira. I. Título
21. ed. CDD 028

NATÁLIA DOS SANTOS BRITO RODRIGUES

**“O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA”: DA TRADIÇÃO ORAL
À NARRATIVA MODERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura Infantil e juvenil

Aprovada em: 05/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva
Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB – Orientadora

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Prof.^a Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
UEPB – Examinadora

João Paulo da S. Fernandes
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
IFPB – Examinador

Dedico esse trabalho a Deus, que me permitiu chegar até aqui, aos meus pais Severino e Maria Aparecida por todo amor e ensinamentos repassados a mim, ao meu esposo Iveraldo pelo incentivo, e em especial ao meu filho Davi, o grande amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me deu um novo sopro de vida, uma nova chance de viver, pois nada acontece sem a sua permissão, chegar até aqui não foi um percurso muito fácil, porém, seu amor e sua graça me sustentaram e reavivaram minhas forças.

Agradeço aos meus pais, Severino e Aparecida, por serem meu exemplo de vida, minha base, pois mesmo não possuindo estudo elevado, sempre fizeram o possível para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar e ampliar nosso conhecimento. Reconheço e agradeço os seus esforços e todo amor e carinho dedicados a mim. À senhora, minha mãe, que além de ter me trazido ao mundo cuidou tão bem de mim, e esteve ao meu lado no momento mais difícil da minha vida, momento da minha enfermidade, mulher forte que na minha presença em nenhum demonstrou desânimo, pelo contrário, sempre me encorajava, com palavras de conforto e fé, mas depois fiquei sabendo que choravas as escondidas. Por quantos hospitais passamos? Perdi até a conta, só nós sabemos a angústia em cada exame que era aberto, mas, para a Glória de Deus, vencemos todas essas dificuldades impostas pela vida, deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos e toda minha expressão de amor. Pai, Mãe amo vocês, obrigada por tudo!

Aos meus irmãos, Natiane, Natalício, Nataline e Natiel, e a minha prima e irmã de coração, Vera, por toda cumplicidade e companheirismo que tivemos um com o outro desde pequenos. Às minhas cunhadas, cunhados e sobrinhos, que direta ou indiretamente corroboraram para minha conquista.

Agradeço ao meu esposo Ivanaldo pelo incentivo e paciência, pois muitas vezes teve que desempenhar meu papel nos afazeres domésticos, nos momentos em que me dedicava aos estudos.

Ao meu filho Davi, o grande amor da minha vida, peço desculpas pela minha ausência e falta de paciência para com você, do mesmo modo, te agradeço pela compreensão, carinhos e amor. Você é o meu filho amado.

Agradeço às minhas amigas e companheiras de curso, Edianny, Thalyta e Nataly que sempre se dispuseram a me ajudar quando precisei. Agradeço também aos colegas e amigos que a UEPB me presenteou, em especial, meus colegas de grupo Iara, Valdir, Joanderson, Daniel e por fim Jéssica, minha dupla nos trabalhos acadêmicos, podem ter certeza aprendi muito com você, espero que a nossa amizade resista à distância e ao tempo. Agradeço também

a todos os colegas de sala. Foi maravilhoso dividir essa experiência com vocês, juntos somamos conhecimentos.

Agradeço aos meus professores, que ao longo da minha jornada estudantil contribuíram com seu conhecimento na minha formação, reconheço que a vida de professor não é fácil, mas levarei comigo todo conhecimento adquirido através de suas aulas, sobretudo, agradeço a minha orientadora Rosângela, um amor de pessoa, por aceitar-me como sua orientanda, por todo carinho com que aceitou me orientar, sempre tão calma diante das minhas inquietações referente ao prazo estabelecido para entrega deste artigo, obrigada por ter despertado em mim essa paixão pela literatura infantojuvenil, por toda dedicação e empenho dirigidos a mim. Concomitante, agradeço aos professores da banca, pois tenho consciência da correria dos finais de períodos, mesmo assim aceitaram o convite para participar da minha defesa.

Por fim, agradeço a todos que de maneira direta ou indireta, cujos nomes não citei, mas que contribuíram na minha formação, a vocês, os meus sinceros agradecimentos.

Aprendi desde cedo que o mundo da cultura popular, por mais fantástico, que nos apresente é sempre um mundo de gente.

Maria Ignez Novais

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo mostrar a cultura popular através da narrativa *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, bem como a importância da literatura infantojuvenil. Embora a narrativa retrate um espaço e um tempo bem distintos da maioria dos clássicos advindos da tradição oral por tratar-se de uma narrativa moderna é possível apontar algumas semelhanças, como por exemplo a forma como essas histórias surgiram e perpassaram os séculos. A obra em análise aponta traços dessa tradição tão relevante na construção da identidade cultural. Tratando desta temática numa perspectiva popular, compreende-se que a tradição oral segue as transformações sociais e se faz relevante. Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, onde procuramos evidenciar as semelhanças entre as narrativas advindos da tradição oral. O estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Ayala (2003), Cademartori (2006); Coelho (2012), Cunha (2003), Colomer (2017), Xidieh (1993), Zilberman (2014), dentre outros autores que dialogam com os contos de fadas e seu reconto na modernidade.

Palavras-chaves: Conto de fadas. Cultura oral popular. Literatura infantojuvenil. Pedro Bandeira.

ABSTRACT

The present work aims to show popular culture through narrative *The fantastic mystery of Feiurinha*, by Pedro Bandeira, as well as the importance of children's literature. Although the narrator portrays a space and time quite different from most of the classics from the oral tradition, as it is a modern narrative, it is possible to point out some similarities, such as the way these stories emerged and spanned the centuries. The work under analysis points out traces of this tradition so relevant in the construction of cultural identity. Dealing with this theme from a popular perspective, it is understood that oral tradition follows social changes and becomes relevant. This work was carried out through a bibliographic search, where we try to highlight the similarities between the narratives arising from the oral tradition. The study is fundament on the theoretical assumptions of Ayala (2003), Cademartori (2006); Coelho (2012), Cunha (2003), Colomer (2017), Xidieh (1993), Zilberman (2014), among other authors who dialogue with fairy tales and their retelling in modernity.

Keywords: Fairy tale. Popular oral culture. Children literature. Pedro Bandeira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O fantástico mistério de Feiurinha.....	28
Figura 2 – As princesas.....	31
Figura 3 – A discussão entre as princesas.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: TRADIÇÃO E MODERNIDADE.....	15
2.1	O início da literatura infantil e juvenil.....	15
2.2	A produção brasileira.....	16
2.3	Que funções tem a literatura brasileira?.....	18
2.4	Os contos tradicionais e o folclore.....	21
3	REVISITANDO O CONTO DE FADAS.....	23
3.1	A narrativa nos contos de fadas.....	23
3.2	A origem das narrativas maravilhosas.....	25
4	FEIURINHA E A NARRATIVA MODERNA.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A literatura em todas as suas formas, direta ou indiretamente faz parte da vida dos seres humanos. Podemos nem perceber a presença da literatura naqueles momentos de descontração entre amigos, ou juntos aos nossos familiares, mas no decorrer da conversa, entre um fato e outro, surge o comentário de um acontecimento da infância, um resgate de memória, são evidenciados momentos de contações de histórias realizadas pelas vovós, ou até mesmo nas brincadeiras de acampamentos, as pessoas se reúnem para narrar histórias de terror ou lendas assustadoras.

Nos encontros religiosos como missas ou cultos, por exemplo. Nos hospitais, onde pessoas enfermas procuram um apoio para se firmar na luta pela vida. Nos momentos de diversão, em show musical. Ou até mesmo nas manifestações populares, as pessoas reivindicam seus direitos na busca por igualdade social.

Certamente, em cada uma dessas situações expostas acima, afirmamos que, sem dúvidas, a literatura está presente, pois todos esses momentos estão fundamentados na própria literatura. Vejamos, este momento de contação de história narradas pelas vovós, na verdade é uma manifestação da literatura oral popular, pois essas histórias, em uma época distinta foram repassadas por seus pais e assim sucessivamente.

Nos momentos de renovação de fé cristã, é utilizada a Bíblia como fonte de pesquisa para fundamentar as explicações. A Bíblia apresenta narrações de histórias ou fatos antigos, que trazem ensinamentos muitas vezes em forma de parábolas ou metáforas. Isto é literatura.

As pessoas enfermas, quando possível, fazem uso de livros contendo um romance, uma história qualquer, ou de autoajuda, ali a literatura também se faz presente. Nos shows musicais ou nas manifestações populares, podemos ver fortemente a presença da literatura, as pessoas naquele momento manifestam pensamentos, expressões, desejos entre outros sentimentos que anseiam, tudo isso são diferentes formas de manifestação da literatura.

Como visto, a literatura está presente em quase todos os momentos da nossa vida, entretanto, é na escola que a literatura nos é apresentada de forma sistemática logo nos primeiros anos da nossa vida escolar, por esse motivo, deve-se considerar a fase do desenvolvimento em que a criança se encontra para não pular etapas, ou acabar criando um bloqueio.

Este estudo tem por finalidade analisar *O fantástico mistério de Feiurinha*, na perspectiva infantojuvenil, bem como tratar suas relações com a cultura popular, e sobretudo discutir as relações entre a cultura popular e as narrativas modernas. Este trabalho será desenvolvido por meio da pesquisa de cunho bibliográfico.

No primeiro momento deste estudo faremos uma abordagem acerca da literatura infantojuvenil que assume um papel pedagógico por meio das adaptações realizadas por Perrault e outros escritores, refletiremos sobre sua função na formação da personalidade da criança, além disso apontaremos relações estreitas entre a literatura e a cultura popular.

No segundo momento refletiremos sobre a origem dos contos de fadas que precede uma literatura de cunho pedagógico, a literatura da qual os contos de fadas se ramificam reflete o contexto social da época medieval, ou seja, os contos daquela época demonstram toda violência e impiedade daquele período.

A terceira parte analisa a narrativa em estudo, que apesar de ser um texto moderno dialoga com os contos de fadas clássicos, cujas histórias perpassaram gerações e continuam encantando leitores até os dias atuais.

Por tratar-se de uma obra que destaca traços da cultura popular, traços estes que estiveram e ainda estão muito presentes em minha vida, reavivando nossas memórias escolhemos essa obra como objeto do nosso estudo.

2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Neste primeiro momento do presente estudo levantaremos um discurso acerca do conceito de literatura, sua origem, o precursor e demais autores que se destacaram nesta perspectiva literária, bem como apresentaremos as características que este tipo de literatura demonstrava.

2.1 O início da literatura infantil e juvenil

A literatura infantojuvenil é uma categoria literária que se destina ao público infantil e juvenil. Surge no século XVII, na França, com o francês Charles Perrault, considerado precursor da literatura infantil. Contos e lendas direcionados ao público adulto na Idade Média eram recolhidos por Perrault e adaptados para crianças. Cinderela e Chapeuzinho Vermelho são exemplos destas adaptações das quais se originaram os contos de fada (CADERMATORI, 2006, p.33).

Os contos e lendas chegaram até Perrault por intermédio de contadores que trabalhavam como empregados para sua família. Isto aconteceu em um contexto de apreensão entre as classes sociais, após uma manifestação popular contra o governo.

As obras do autor eram marcadas por duas particularidades: o caráter didático e a relação com o popular com foco interdisciplinar, ou seja, o autor se preocupava em produzir uma literatura que não ficasse retida a um ou outro aspecto problemático fomentador por ele, mas que se relacionassem entre si.

Por ser um homem erudito, pertencente a camada alta da sociedade, Perrault não estimava o povo e, conseqüentemente, alguns costumes populares. Percebe-se em alguns contos uma certa ironia vinculada ao popular, todavia, percebe-se também uma certa inquietude em produzir uma literatura pedagógica com ênfase na moral.

Apesar do sentimento de repulsa que Perrault sentia pelo popular, este motivo não se configurava um empecilho para que retratasse em seus contos situações, ou melhor, soluções tão almejadas pelos camponeses, ou seja, personagens fragilizadas no início do conto evoluíam significativamente, marcando mais uma característica dos contos orais.

No cenário da economia francesa, o setor agrícola dominava, mas isso não era suficiente para que os camponeses tivessem uma vida menos privada. Os legisladores e bispos aproximavam-se do povo camponês na intenção de coordenar a fé deles, o povo era obrigado a seguir o cristianismo, mas mesmo assim, as manifestações pagãs e religiosas cristãs coexistiam.

Uma dessas manifestações que melhor representava o povo camponês era o folclore, por meio desta manifestação folclórica, os camponeses achavam provável solucionar alguns de seus problemas, como afirma Cademartori (2006):

Neste contexto é que cabe situar o folclore, isto é, o conjunto de manifestações artística do povo: danças, cerimônias, canções e, especialmente, contos: fator de reconhecimento entre os camponeses, manifestações da sua própria imagem, reflexo de suas contradições e de suas crises e, catarticamente, representação de uma solução possível que- não poderia ser de outra forma- se manifestava através da mágica e do elemento maravilhoso (CADEMARTORI, 2006, p.38).

Nesta época, não existia o conceito de infância, as crianças eram vistas como pequenos adultos, e o contato com contos que, mesmo adaptados e com finalidade moralizante, “[...] eles permanecem perversos, amorais e angustiantes como legítimo produto da classe sofrida e marginalizada que o gerou” (CADEMARTORI, 2006, p.38), isto era necessário para que as crianças amadurecessem. A literatura incumbiu-se da missão de auxiliar neste processo de mudança do pensamento infantil para o pensamento adulto, ou seja, do pensamento “irracional” para o pensamento “racional”.

Mesmo Perrault não pertencendo à realidade deste contexto popular, tentou adaptar os contos advindos da cultura popular ao mais próximo possível do original. Na verdade, já existia uma literatura de cunho pedagógico, e uma literatura de cunho oral, das quais são exemplos: na literatura de cunho pedagógicos os textos dos jesuítas, e na literatura oral, o âmbito popular. No entanto, é na perspectiva de Perrault que esta literatura verdadeiramente assume um papel educativo, pois ele utiliza-se de recursos para deixar seus contos ainda mais agradáveis e atraentes para as crianças sem perder o princípio educativo. Certamente, por esse motivo é atribuído a Perrault o título de precursor da literatura infantil e juvenil.

2.2 A produção brasileira

No Brasil, as primeiras produções literárias para o público infantil se iniciam com as produções de Monteiro Lobato. Nome consagrado na literatura infantil, uma de suas obras de maior destaque é *O Sítio do Picapau Amarelo*, obra que retrata o espaço rural, porém, as características do meio cultural representadas na obra de Lobato se distanciavam da realidade brasileira, como explica Cademartori (2006, p.43) “[...] O sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento da nossa história”.

Certamente, Lobato, assim como os demais escritores brasileiros, sofriam influência do processo da colonização, tanto por parte de nossos colonizadores, ou seja, dos portugueses, como também, por parte de outras culturas, como a cultura holandesa e francesa. Os colonos eram coagidos a absorver a cultura de outrem, sobre esta questão da imposição de cultura, na obra *Narrativas Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo Mundo*, Xidieh (1993) afirma que:

[...] isto é do conhecimento rotineiro de qualquer folclorista, que os traços e os elementos das culturas eruditas e populares podem entrar em processo mais ou menos intenso de permuta, empréstimo, cópia e imitação [...] uma progressiva imposição dos meios eruditos, civilizados e urbanizados aos meios populares e rústicos, de modo a modificar-lhes a vida sociocultural, substituindo os seus valores e comprometendo-os em novas perspectivas de sociabilidade e cultura (XIDIEH, 1993, p.81).

Segundo Cademartori (2006) existia um duelo “*entre a sedução intelectual estrangeira*” e a preocupação de alimentar a “*cultura popular*”, e é neste momento que Lobato assume sua nacionalidade, e com isto, a preocupação com o nacional em todos os seus ângulos, em consonância, suas produções apropriam-se de um aspecto mais denunciativo. Assim, Lobato quebra com o modelo que rege o gênero literário infantil, e estabelece um elo entre os assuntos sociais e a literatura infantil.

Por meio do estilo literário adotado por Lobato, o autor interage com os leitores, através do diálogo entre autor-leitor-sociedade, o leitor torna-se capaz de observar, interpretar, refletir e, principalmente, construir seu próprio conceito, como esclarece a autora.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com destinatário A discordância é prevista. (CADEMARTORI, 2006, p.51)

Lobato não apresenta em suas obras uma moral verdadeiramente “absoluta”, tem a liberdade como tema central de suas obras, outro objetivo ao qual suas obras se destinam é incentivar o desenvolvimento do raciocínio crítico.

O nosso país oferece uma diversidade em livros infantis, que atende todas as necessidades do público ao qual ela se destina, oferta livros com textos caracterizados pela linguagem não verbal, atendendo às necessidades das crianças que, pela questão da idade ou outros fatores não dominam a leitura, contribuindo para que as crianças desenvolvam habilidades como a criatividade e narração. Há outros livros que contemplam a sonoridade e a

sensibilidade, e outros, para crianças em processo ou já alfabetizadas, os livros com linguagem verbal já abordam temas mais pertinentes, por exemplo, as questões culturais.

2.3 Que funções tem a literatura infantil e juvenil?

Diante da constante mudança e transformações sociais, ocorridas na sociedade, o mercado do livro direcionada ao público mirim também evolui ao passo que, cada dia diversificam mais e mais suas produções. Ao sair em busca de uma literatura destinada ao público infantil e juvenil, é possível deparar-se com uma imensa variedade que enchem as prateleiras das livrarias, bibliotecas, feiras literárias, entre outros espaços que oferecem este produto. Atualmente, é possível encontrar livros literários em estabelecimentos bem distintos, como por exemplo, em cafés e até mesmo em grandes supermercados. Isso acontece, muito provavelmente, pela valorização e incentivo à leitura, consequentemente da literatura.

Sem dúvidas, a literatura faz parte da vida do ser humano há muito tempo, sua vitalidade perpassa gerações, de certo, pelo papel fundamental desempenhado por ela. Mais qual é o papel, ou melhor, a função da literatura infantojuvenil? A literatura assume um papel estático diante da sociedade? Estas e outras questões vinculadas à literatura são bastante pertinentes. É preciso refletir acerca da função atribuída a literatura, pois, certamente, a posição assumida diante da função a ela atribuída, influenciará de forma direta a todos os envolvidos em difundi-la, como, escritores, editores, bibliotecários e professores.

A literatura acompanha as transformações ocorridas na sociedade, de modo algum, é engessada ou estática, mas adequa-se ao período social em que se encontra, tratando das situações cotidianas de forma mais leve e simplificada.

Tratando da literatura na perspectiva infantil e juvenil, Colomer (2017) atribui a literatura as seguintes funções: 1. Iniciar o acesso ao imaginário, 2. Desenvolver o domínio da linguagem, 3. A socialização cultural.

A mente humana guarda uma infinidade de mitos, símbolos e imagens que são acionadas sempre que necessitamos compreender as relações com o outro e o mundo que nos cerca. E a literatura, segundo Colomer (2017), tem a função “de abrir a porta ao imaginário humano configurado pela literatura”. A literatura ao utilizar estes símbolos e mitos, que estão presentes no folclore, e imagens facilitam a compreensão ao nosso redor e colaboram no desenvolvimento da personalidade, como explica Colomer (2017):

Assim, pois, a literatura oferecida aos meninos e meninas os incorpora a essa forma fundamental do conhecimento humano. No campo da psicologia, a recorrente psicanalítica foi a primeira a destacar a importância da literatura na construção da personalidade (COLOMER, 2017, p.21).

Estudiosos ressaltam também a relevância do folclore nesse processo de compreensão de mundo, mesmo que de forma não explícita, é um instrumento de propagação da cultura, do mesmo modo, apontam sua ligação intertextual “entre a literatura e os mitos religiosos”.

Geralmente, o primeiro contato com as histórias acontece em uma fase da vida infantil que antecede a vida escolar, normalmente contadas pela mãe ou responsável pela criança. De modo geral, essas histórias advêm da tradição oral, ou seja, do folclore, assim as histórias, as imagens e os símbolos voltam sempre que acionados. E, ao ter acesso à escola, este conhecimento adquirido previamente é organizado, e a partir do compartilhamento são “reelaboradas ou reinterpretadas” de acordo com as inquietações sociais de cada época.

Uma outra função da literatura infantil e juvenil é o desenvolvimento e o domínio da linguagem literária, em outras palavras, a literatura viabiliza o desenvolvimento da compreensão e interpretação no aspecto literário podendo ser transposta para realidade humana. A literatura, por meio da linguagem, corrobora para que a criança compreenda o mundo em que vive, e que, as atitudes e linguagem humana é regida por um conjunto de regras. Ainda sobre as relações entre a literatura e a linguagem na perspectiva infantil Colomer (2017) esclarece que:

[...] a literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior e para falar sobre a própria linguagem. Os pequenos aprendem rapidamente que tanto a conduta humana quanto a linguagem são sistemas governados por regras, de maneira que se dedicam a explorar as normas comprovando o que se pode fazer e o que não se pode (COLOMER, 2017, p.27).

Assim, a criança compreende também o poder que a palavra tem, além disso, por meio do “jogo” desenvolve a criatividade e o raciocínio lógico, possibilitando a percepção da delimitação da realidade, ou seja, do que é ficção para a realidade, para os textos não verbais criam narração, quando o texto é verbal identificam as vozes contidas no mesmo.

Estudos comprovam que, crianças que estão compenetradas no espaço literário instigante desenvolve-se bem mais depressa, mesmo que, esse contato não seja sistematizado, elas conseguem relacionar-se a elementos literários, mesmo sem conhecer sua categorização.

É impossível prever ou calcular o conhecimento adquirido por uma criança através do contato com um texto literário, principalmente, quando essa literatura está relacionada ao contexto social e cultural daquela criança, fator que pode contribuir ainda mais na compreensão

e interpretação subjetiva, de forma alguma podemos subestimá-la oferecendo textos que conceituamos como ideais para faixa etária de cada criança, com essa atitude podemos estar limitando o acesso ao conhecimento.

O contato com textos que estão comprometidos com a qualidade da história, e não com a quantidade ou tipo de palavras contidas nela, inquestionavelmente, favorece a aprendizagem e amplia o vocabulário da criança, entretanto deve haver um equilíbrio, ora, seria demasiadamente errôneo oferecer uma literatura destinada ao público adulto a uma criança. Não podemos subestimá-la, porém, não podemos ser excessivos.

Os livros destinados aos leitores mirins eram desprovidos de palavras, priorizavam as imagens e alfabetos ilustrados, com finalidade de facilitar a compreensão, visto que as histórias completas só eram oferecidas as crianças que já sabiam ler. Mas atualmente, os livros trazem histórias completas, mesmo que curtas, fazendo relações entre recursos audiovisuais, orais e escritos, que além de despertar o interesse, propicia a independência daqueles que já tentam ler sozinhos. Para Colomer (2017) as crianças, a princípio, não percebem a distinção entre realidade e fantasia, mas quando adquirem esta consciência, e conseguem distinguir o mundo fictício do mundo real, passam a usá-la para descobrir o mundo. Muitos temas que fazem referência aos problemas que são característicos da infância são tratados nos livros, e pode ajudar a criança a compreendê-lo, porém, a maneira como são compreendidos pela criança dependem da forma como elas se relacionam com os livros.

As imagens contidas nas narrativas infantis são recursos indispensáveis para construção do sentido, o que antes era posto apenas como uma ilustração da história, hoje, dialoga com as narrações acrescentando informações, facilitando a leitura. Outro recurso importante na compreensão de narrativa é o narrador: este atua como uma espécie de intermediário entre a história e o leitor, o que é um hábito nas narrações orais, a presença do narrador, igualmente no texto escrito proporciona essa mediação.

Devido às riquezas culturais contidas no nosso folclore e as poucas produções poéticas direcionadas aos pequenos leitores, fica na responsabilidade do folclore suprir essa deficiência, instigando a “relação com estímulo perceptíveis, vínculo afetivo, de jogo e descoberta e vínculo social” (COLOMER,2017, p. 56) por meio das cantigas, adivinhas e trava línguas, entre outros aspectos folclóricos.

E, por fim, a função da “socialização cultural” que evidencia, ou enfoca o caráter didático como objetivo principal da literatura infantil e juvenil desde os primórdios com Perrault, pelo menos naquele momento, visto que, com as pesquisas acerca da literatura

infantojuvenil outras funções lhes foram atribuídas, embora este aspecto tenha perdido força, inquestionavelmente, corrobora para a interação social.

Junto com a modernidade, vieram também várias mudanças na literatura dedicada aos pequenos, principalmente, nos contos populares que apresentavam “aspectos discriminatórios”. Nesta linha de pensamento, Colomer acrescenta que:

Tanto na modificação do folclore, como em novas obras, não se pode negar que a literatura moderna se esforçou para ampliar os valores atribuídos a cada gênero, defende o direito à diferença individual das pessoas e oferecer uma divisão mais equilibrada dos papéis sociais (COLOMER, 2017, p.65).

No contexto não moderno, os livros tinham restrições, existiam os livros destinados aos meninos, e outros destinados para as meninas, outros livros que defendiam um padrão a ser seguido, fosse de beleza ou comportamental. Entretanto, com a mudança literária advinda com a modernidade visando a superação do preconceito e a igualdade entre meninos e meninas, ampliou ainda mais as opções de livros entre os pequenos, dessa vez, de forma mais equilibrada, sem restrições. No entanto, é preciso ser cauteloso, pois, mesmo no século XXI, algumas literaturas para o público infantil, trazem de formas mascaradas antigos conceitos e estereótipos, como por exemplo, os padrões de beleza. Colomer (2017), em relação aos modelos de socialização, conclui que:

Em definitivo, os problemas sobre os modelos de socialização são da literatura infantil e juvenil na mesma medida em que são de toda a sociedade. No exemplo analisado do sexismo partiríamos do pressuposto de que a divisão das funções sociais entre os indivíduos deve ampliar-se e flexibilizar-se, de modo que qualquer pessoa possa ser e atuar a partir de suas características individuais e não pelo fato de ser homem ou mulher. Como progredir nesta linha é um debate no qual estão presentes tanto os movimentos feministas, como os autores de livros ou os educadores da infância em geral (COLOMER, 2017, p.75).

Isto significa que a literatura infantil e juvenil desempenha a função de promover a socialização, ou seja, de colaborar no desenvolvimento da personalidade e consciência coletiva, porém, esta função não é exclusivamente da literatura, a sociedade em todas as suas esferas é responsável por esse desenvolvimento.

2.4 Os contos tradicionais e o folclore

As primeiras histórias designadas ao público infantil, a saber: **Chapeuzinho Vermelho**, **Branca de Neve**, entre outras, traziam narrações advindas da tradição oral, e agora eram redimensionadas aos pequenos leitores. Essas histórias que percorreram gerações eram ouvidas

por adultos. Vários resquícios dessa cultura são encontrados nas histórias, por exemplo, o espaço rural, referência a animais, a fome, a morte, a violência e a magia (ZILBERMAN, 2014). Existia, antigamente, muitos questionamentos acerca da presença destes dois últimos elementos, pois eles eram relatos pertencentes a este gênero, logo, indispensável. Porém, o impacto que esses elementos poderiam causar nas crianças era imprevisível pela falta de maturidade para compreender essas situações. Mas, atualmente, a presença desses elementos não representam preocupações, pois, as personagens principais não são totalmente atingidas por essa violência, e ao que se refere à magia, esse fator não impede o protagonismo das personagens, ou seja, os personagens principais não perdem credibilidade por usar ou ser beneficiado pela magia.

A literatura brasileira, conforme Candido (1999, p.12), era uma literatura “transplantada”, ou seja, a literatura não nasceu no Brasil, ela foi trazida pelos colonizadores, e por esse motivo, ainda segundo o autor, o que tínhamos aqui no Brasil, na época da colonização até o século XVIII aproximadamente, era uma literatura baseada nos moldes europeus, quer dizer, uma literatura de imitação. Candido ressalta que,

[...] no momento da descoberta e durante o processo de conquista e colonização, houve o transplante de línguas e literaturas já maduras para um meio físico diferente povoado por povos de outras raças, caracterizados por modelos culturais completamente diferentes, incompatíveis com as formas de expressões do colonizador. [...] Havia, portanto, afastamento máximo entre a cultura do conquistador e a do conquistado, que por isso sofreu um processo brutal de imposição (CANDIDO, 1999, p.11-12).

Como visto, não era apenas a literatura que foi “transplantada”, como também, a língua dos colonizadores nos foi imposta, mas com as divergências entre as duas culturas, a literatura brasileira foi se modificando ao passo que, a sociedade se formava, havia uma necessidade de autoafirmação da nacionalidade. A dialética de Candido aparece como forma de compreender esse processo que ia delineando as produções literárias brasileiras, principalmente no que diz respeito aos dois momentos decisivos desse processo: o Romantismo e o Modernismo.

Neste momento da literatura infantil e juvenil, os escritores buscavam novos horizontes, que se distanciassem dos moldes europeus, mas não totalmente, ou seja, podemos dizer que, os escritores se baseavam na literatura estrangeira, porém, com olhar na cultura brasileira, desta vez, não de forma hiperbólica. Vale ressaltar que nem toda literatura voltada para os pequenos leitores provinham do folclore ou de outras manifestações da cultura popular. Alguns escritores direcionaram seus olhares para o cotidiano urbano, por exemplo. Todavia, o folclore mostrou-se deleitoso, e por meio dele, algumas histórias da tradição oral foram propagadas com maestria.

A escritora Zilberman (2014) explica o folclore como:

O termo folclore, de que se vem falando até aqui, pode ser entendido tanto como “o conjunto de costumes, lendas, provérbios, manifestações artísticas em geral, preservado, através da tradição oral, por um povo” quanto a “ciência das tradições, dos usos e da arte popular de um país ou região”(ZILBERMAN, 2014,97-98, grifos da autora).

A forma que a autora descreve o folclore dialoga com as reflexões da escritora Ayala (2003), onde a segunda define a cultura popular como um conjunto de manifestações populares, e compreende a cultura oral como uma literatura “viva”, “um fazer dentro da vida”. Não apenas as narrações orais, como também, as adivinhações, os provérbios, as canções, as danças, parlendas, trava línguas, as manifestações populares religiosas, inclusive, compõem esse conjunto de manifestações populares.

Se por um lado a literatura europeia serviu de modelo para os escritores brasileiros na abordagem acerca do aspecto folclórico, por outro lado, ela os incentivou e os encorajou a exaltar o nacional, por meio da nossa cultura. Este gênero foi aperfeiçoado pelos escritores do nosso país. A prova disso é a narrativa que será analisada nos capítulos subsequentes deste trabalho. **O fantástico mistério de Feiurinha**, do autor Pedro Bandeira, faz alusões a alguns clássicos da literatura europeia, porém, são os aspectos nacionais que se destacam e prevalecem.

3 REVISITANDO O CONTO DE FADAS

A narrativa é um gênero textual que consiste em uma exposição oral, escrita ou imagética de acontecimentos reais ou fictícios num determinado contexto, levando-se em consideração as personagens, espaço e tempo. Este é um gênero que encanta as crianças desde o seu surgimento até os dias atuais. O gênero narrativo permanece forte, seja pelo desejo espontâneo por uma leitura deleite, ou pela disseminação deste gênero no contexto escolar.

3.1 A narrativa nos contos de fadas

A narrativa destinada ao público infantil e juvenil deve se adequar e considerar as fases de desenvolvimento deste público, visto que este ainda não possui maturidade e que cada fase pela qual a criança percorre é refletida em suas ações. É corriqueiro que a criança apresente comportamento inquieto diante de narrativas longas, por esse motivo a narrativa oferecida às crianças e adolescentes deve se diferenciar das narrativas para adultos.

As lendas, os contos, as fábulas e os romances são os principais tipos de narrativas infantis, porém neste estudo nos deteremos a falar primordialmente sobre o conto, mas por

consequente estes aspectos da narrativa aplicam-se da mesma forma nos demais gêneros citados neste trabalho.

Os contos para crianças devem apresentar uma narrativa com textos sucintos e dinâmicos, com discurso direto, ou seja, um diálogo e personagens sem muita complexibilidade. Em suma, a narrativa para criança deve ser curta e apresentar um diálogo, com o leitor, pois o diálogo aproxima a cena a realidade. Sobre aspectos da narrativa para crianças, a autora Cunha (2003) ressalta que:

Assim, é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (*flash-back*) ou em cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou romance *de ação*, nos quais predomina (sic) a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante (CUNHA, 2003, p. 33).

Além disso, existe um outro aspecto que merece atenção na narrativa para crianças, a saber, o final da história, visto que as crianças não tem muita maturidade para lidar com finais tristes, pois a criança envolve-se de tal maneira na narrativa, que em virtude disso acaba sendo afetada psicologicamente com finais infelizes.

Cunha (2003) destaca as três fases do desenvolvimento da criança consideradas pela literatura infantil: a fase do “mito, a do conhecimento da realidade e a fase do pensamento racional”, estas fases não correspondem da mesma maneira em todas as crianças, obedecendo rigorosamente estas classificações, cada criança desenvolve-se de maneira diferente dependendo do seu conhecimento de mundo.

Na fase do mito, na faixa de 3/4 e 7/8 anos, as crianças ainda não conseguem dissociar a fantasia da realidade, uma vez que fantasia e realidade se fundem na mente da criança, e as narrativas designadas para essa faixa etária devem considerar o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.

A segunda que acontece dos 7/8 a 11/12 é conhecida como a fase do “conhecimento da realidade” e, nesta fase, a criança está mais desenvolvida e consegue distinguir a fantasia da realidade, além de interessar-se por narrações que envolvam ação e aventura.

A terceira, conhecida como fase “do pensamento racional”, inicia-se a partir dos 11 anos e vai até a adolescência. Com o pensamento desenvolvido, a criança preocupa-se não apenas com ela mesma, mas com o mundo a sua volta, e nesta fase a criança está mais atenta e interessada pelas questões sociais. Contudo, mesmo compreendendo que as crianças estejam mais preparadas para a realidade, existe uma preocupação com um tipo específico de literatura destinada para este público, é “a literatura realista para crianças”, que consiste em um tipo de

literatura que aborda temas polêmicos para esta faixa etária, como por exemplo, o divórcio, questões associadas a política e outros problemas sociais.

Diante do paradoxo eminente da incerteza de ser ou não este um tipo de literatura adequado para esta idade, a autora Cunha (2003) considera que,

[...] a conscientização ou discussão da realidade não se faz obrigatoriamente via realismo: a imaginação e a fantasia podem fazer o mesmo, por caminhos subterrâneos da trama e, talvez até por isso mesmo, com mais agudeza e profundidade. O importante mesmo é que crianças ou jovens estejam em contato com todo tipo de obra literária e façam suas opções (CUNHA, 2003, p. 40).

Certamente, a conscientização acerca dos problemas sociais podem ser abordados nas narrativas apresentadas para crianças e adolescentes, sem necessariamente perder suas características literárias, uma leitura de texto que discutem temas tão pertinentes de forma leve torna-se mais atraente para estes jovens, porém como ressalta a autora, é importante que estas crianças ou jovens tenham contato com a diversidade literária e exerçam suas próprias escolhas.

3.2 A origem das narrativas maravilhosas

Quando falamos de narrativas para crianças e adolescentes, nos vem à mente como referência Charles Perrault, grande nome da literatura infantojuvenil, para ser mais precisa, o precursor deste gênero literário. Como bem sabemos, Perrault, adaptou histórias provenientes da tradição oral popular. Estas histórias orais populares eram adaptadas e adotavam um enfoque pedagógico.

Simultaneamente, outro escritor, Jean de La Fontaine, desempenhava um trabalho semelhante, que consistia não apenas no recolhimento de histórias orais populares, mas também de origem documental, suas adaptações evidenciavam um caráter pedagógico e moralizante, que tratavam abordagens de temas que são intrínsecos à vivência humana.

A princípio, com intenção de estudar a língua alemã, os Irmãos Grimm, foram em busca de narrativas orais populares, lendas, entre outros resquícios dessa cultura “viva”, com intuito de encontrar “invariantes linguísticas”. Os Grimm conseguiram reunir inúmeras narrativas, que depois de adaptadas, vieram fazer parte da sua primeira coletânea intitulada por *Literatura Clássica Infantil*, incluída nesta coletânea, temos contos consagrados e eternizados na literatura que fizeram, ou ainda fazem parte da vida de muitos leitores, como por exemplo, *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve* e os *Sete anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *O ganso de Ouro* e muitos outros.

Alguns contos que faziam parte desta coletânea apresentavam marcas de violência devido sua origem, e como o contexto social da época em que estes contos foram escritos eram regidos por princípios cristãos, na segunda edição desta coletânea sofreram readaptações, com finalidade de retirar aspectos que evidenciassem a violência, sobretudo, “praticados contra criança”(COELHO, 2012, p.29). Vale ressaltar que enquanto gênero,

[...] a Literatura Infantil nasceu com Charles Perrault. Mas somente com cem anos depois, na Alemanha do século XVIII, e a partir das pesquisas linguísticas realizadas pelos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), ela seria definitivamente constituída e teria início sua expansão pela Europa e pelas Américas. (COELHO, 2012, p. 29).

Seguindo nessa perspectiva de uma literatura com finalidade pedagógica e aspecto moralizante, fiel aos valores cristãos, décadas após os Irmãos Grimm, surge um novo nome na literatura infantil, o dinamarquês Hans Christian Andersen, autor cujas histórias, da mesma forma que os autores anteriores, eram recolhidas também do folclore e da tradição oral. Em suas narrativas, Andersen, evidenciava as injustiças existentes na sociedade, o próprio autor não se conformava com estas injustiças, diferentemente dos outros escritores, este por sua vez, além de demonstrar as injustiças sociais por meio de literatura, “oferecia o caminho para neutralizá-la: a fé religiosa” (COELHO, 2012, p. 29).

De acordo com Coelho (2012), as narrativas apresentam características consonante mesmo pertencendo a povos de nacionalidades distintas, estes aspectos comuns nas narrativas despertaram interesse de vários estudiosos de diversos campos do conhecimento que juntos mapearam os prováveis caminhos percorridos pelas narrativas “arcaicas” e concluíram que,

[...] nas raízes daqueles textos populares, uma grande fonte narrativa, de expansão popular: a fonte oriental (procedente da Índia, séculos antes de Cristo), que vai se difundir, através dos séculos, com a *fonte latina*(grego-romana) e com a fonte *céltico-bretã* (na qual nasceram as fadas) (COELHO, 2012, p. 36, grifos da autora).

No século XVIII, estudos arqueológicos descobriram que, de fato, aquelas histórias cuja procedências eram desconhecidas, histórias consideradas falsas ou inventadas, eram na verdade, histórias verdadeiras e tinham origem oriental, já os contos de fadas tem origem celta, e mesmo com o distanciamento geográfico entre esses povos, suas narrativas possuem aspectos semelhantes ao ponto de o enredo da narrativa de uma nacionalidade se amalgamar ao enredo de outra nacionalidade. Todavia, existem elementos relevantes que dissociam um tipo de narrativa da outra. Apesar de apresentar características semelhantes, os contos maravilhosos se diferenciam dos contos de fadas, primeiramente, por conta da origem e depois por tratar de temáticas com funcionalidades diferentes, enquanto os contos maravilhosos se realizam com

enfoque na ascensão socioeconômica da personagem principal. O conto de fadas, por sua vez, se concretiza pela realização interior da personagem.

Os contos maravilhosos possuem elementos como gênios, duendes, metamorfose, objetos mágicos, ausência das leis naturais, ou seja, elementos que destoam “de uma civilização e cultura bem diferente da cristã” (COELHO, 2012, p.41). Outro aspecto marcante nos contos maravilhosos é a presença da “linguagem simbólica” que permite várias interpretações por conta da ambiguidade.

Segundo Coelho (2012),

[...] A violência e crueldade desses contos medievais, ao serem adaptados para crianças, por Perrault e pelos Grimm, foram “suavizados”, isto é, expurgadas da grande carga de violência dos textos ancestrais. As pesquisas chegaram às principais fontes desses contos, cuja primeira coletânea foi a de Perrault, no século XVII (COELHO, 2012, p.45).

Nesse sentido, os contos de fadas são como uma espécie de ramificação dos contos maravilhosos, pois foram inspirados neles, sendo que com as adaptações, foram retirados aspectos que de algum modo viessem afetar as crianças e adolescentes. E outros aspectos se mantiveram.

4 FEIURINHA E A NARRATIVA MODERNA

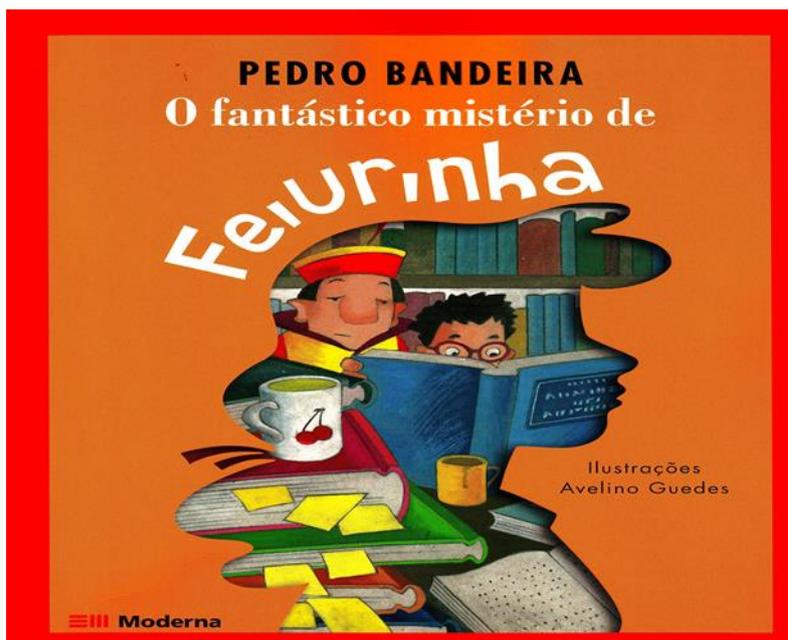
O Fantástico mistério de Feiurinha é uma narrativa moderna que faz referência aos contos de fadas tradicionais. Ao escrevê-la, o autor Pedro Bandeira retoma histórias clássicas que passaram gerações, como por exemplo *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *Rapunzel* entre outras.

Pedro Bandeira nasceu em 09 de março de 1942. O autor trabalhou no teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo, além disso, também foi professor e trabalhou com jornalismo e publicidade.

Apenas no ano de 1983, o autor se dedicou totalmente à literatura voltada para o público infantojuvenil com o livro *O Dinossauro Que Fazia Au Au* que fez muito sucesso, porém, foi com o livro *A Droga da Obediência*, livro destinado ao público adolescente, que Pedro Bandeira foi consagrado como escritor. Entre suas obras também estão *A Marca de Uma Lágrima*, *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, *Pântano de Sangue*, *Anjo da Morte*, *Agora Estou Sozinha*, *A Droga do Amor*, *O Mistério da Fábrica de Livros e o Grande Desafio*.

A primeira figura apresenta a capa da obra em análise, com ilustrações de Avelino Guedes. A capa chama bastante atenção pelas cores e imagem.

FIGURA 1: O fantástico mistério de Feiurinha



Fonte: site Amazon

O livro *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, escrito em 1986 rendeu-lhe o prêmio Jabuti de literatura, prêmio clássico literário do Brasil. O texto nasce no contexto literário modernista, momento em que a nossa literatura propunha um “momento de ruptura” (VELOSO e MADEIRA, 2000, p. 89), ou seja, a literatura brasileira buscava um novo estilo literário que valorizasse a cultura nacional. Sobre o movimento modernista, as autoras concluem que:

Pela primeira vez em nossa história, os intelectuais e artistas assumiram uma atitude positiva diante da diversidade étnica, das contradições e da riqueza cultural, afirmando a força da cultura mestiça que aqui se constituiu. O caráter revolucionário das narrativas e imagens então emergentes revela um novo patamar, uma configuração do pensamento brasileiro, elaborado pelos intelectuais modernistas (VELOSO e MADEIRA, 2000, p. 89).

Inquestionavelmente, o Modernismo, por excelência, foi a estética literária que valorizou a cultura brasileira, por meio do contexto sócio-histórico tornou-se possível voltar ao passado e resgatar aspectos da nossa cultura.

Segundo Juvino (2010):

Nos contos de fadas modernos, é possível observar que há uma tendência a retomadas de temas e recursos antigos, ou seja, presente e passado se fundem para gerar novos processos. Nessas narrativas, a efabulação é iniciada de imediato, os fatos narrados nem sempre obedecem à linearidade, contando muitas vezes com o uso de flashbacks (JUVINO, 2010, p.25).

O fantástico mistério de Feiurinha, sem dúvidas, reflete características das obras modernas, pois por meio dos aspectos culturais tenta resgatar valores tradicionais da cultura popular, como a contação de histórias, por exemplo. Para que esta narrativa possa ser construída o autor, Pedro Bandeira, recorre a este aspecto relevante da nossa cultura.

A narrativa em análise, apresenta-se em onze capítulos, e um enredo linear, uma característica relevante nas narrativas infantojuvenis, e trata do desaparecimento de uma Princesa chamada Feiurinha, este mistério que envolve o sumiço da princesa, acaba promovendo um reencontro entre princesas, após vinte cinco anos do “felizes para sempre” cujas histórias são advindas da tradição oral.

Neste encontro as princesas, principalmente Branca de Neve, demonstram preocupação com o sumiço da amiga, pois este fato põe em risco também os outros reinos. As princesas procuram uma solução para desvendar este mistério. O conflito se inicia quando as princesas percebem que nem elas conseguem lembrar a história da amiga desaparecida. Diante desta situação, elas concluem que não irão conseguir desvendar este mistério sozinhas e que precisarão de ajuda. Branca de Neve pede para que seu laçao saia em busca da ajuda.

O laçao retorna ao castelo sem nenhuma resposta, as princesas resolveram, então, ir elas mesmas em busca de solução, juntas vão parar no apartamento de um grande escritor que se dispõem a ajudá-las. O escritor procura de todas as maneiras solucionar este problema, porém, sem obter êxito, pois não existe registros escrito desta história, e desanima sem saber que a solução estava esse tempo todo dentro da sua própria casa.

Jerusa, a empregada, ao ouvir uma conversa entre o escritor, o laçao e as princesas, revela que conhece a história de Feiurinha e inicia a narração do conto. O clímax do conto, acontece quando as personagens compreendem que Feiurinha não sumiu, mas que sua história se perdeu no tempo. Com os fatos narrados por Jerusa, agora, o autor tinha recurso suficiente para escrever este conto, e assim fazendo com que ele se eternize-se, solucionando o problema das princesas.

O tempo, no conto, se caracteriza como psicológico e cronológico, como podemos observar nos fragmentos abaixo. Bandeira (1986) marca bem a passagem do tempo com a palavra “Naquela época”, como podemos observar.

[...] Naquela época, eu era um autor iniciante, com muitas ideias na cabeça e poucas no papel.

[...] Em histórias de fada, esse negócio de tempo não tem a mínima importância. Por isso, em um minuto as princesas já estavam chegando ao castelo de dona Branca encantada (BANDEIRA, 1986, p. 6-16).

A narrativa transita entre passado e presente, como forma de resgatar acontecimentos. Com relação ao espaço, a maior parte da história acontece no castelo da senhora Branca Encantada e no apartamento do autor, o castelo nos remete a toda aquela magia dos contos de fadas e o apartamento que rompe com toda essa fantasia dos contos de fadas, e simboliza uma época mais atual, ou seja, mais moderna.

Os fatos são narrados em primeira pessoa, vejamos:

Pois foi justamente alguns anos depois de *há muito e muito anos* que esta história começou, ou que todas as outras recomeçaram. Comigo no meio...[...] Eu estava sozinho no meu pequeno apartamento, extremamente ocupado apontando um lápis quando...[...] (BANDEIRA, 1986, p. 8, grifos do autor).

O narrador caracteriza-se como narrador protagonista, pois, além de narrar os fatos em primeira pessoa, o foco narrativo situa-se nele, ou seja, o narrador é uma personagem principal, que desvenda e soluciona o mistério.

O texto apresenta uma linguagem simples, de fácil compreensão, colaborando para que o leitor possa “desenvolver domínio da linguagem” (COLOMER, 2017) nas suas diferentes formas. Da mesma maneira, o aspecto imagético, contido na obra, contribui para compreensão do sentido, facilitando o entendimento, pois, mesmo uma criança que não dominasse a leitura, acessando o seu imaginário, conseguiria, pelo menos em partes, saber sobre o que a narrativa apresentava, devido às imagens, às cores, às roupas das personagens. Esse misto de texto escrito e imagem, proporcionam no conto um dinamismo e movimentação que atraem o jovem leitor.

Na imagem abaixo as princesas estão grávidas e bastante diferentes com relação as características físicas apresentadas em suas histórias.

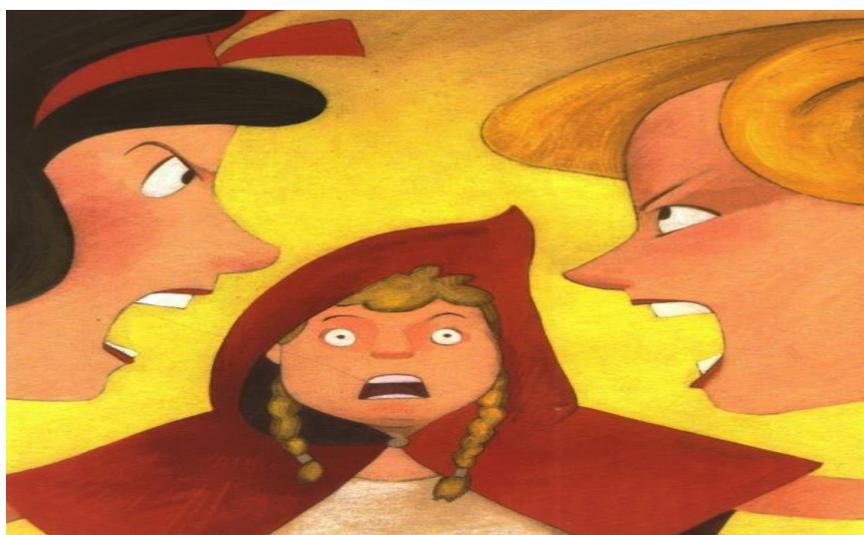
FIGURA 2: As princesas



Fonte: site Slideshar

Apesar de fazer referências aos contos clássicos, desconstrói o estereótipo das princesas como ser perfeito, uma heroína linda, educada, paciente, compreensível, amiga, dotada de qualidades, pelo contrário, as princesas da narrativa *O fantástico mistério de Feiurinha* são descritas com personalidade de pessoa do mundo real, pessoas com imperfeições, desvirtudes, pessoas que brigam, que despertam o sentimento de inveja, rancor, ironia, agressão verbal, ofensa e que fazem provocações, como podemos verificar na imagem seguinte.

FIGURA 3: A discussão entre as princesas



Fonte: site Slideshare

Este trecho demonstra claramente a desconstrução das princesas como criatura plena, dotada apenas de qualidades. Vejamos:

Dona Cinderela ajeitou os cabelos louros que ajudavam a esconder os fios brancos. No olhar, tinha uma expressão provocativa.
 -- É... Infelizmente em nossas histórias tem uma ou outra coincidência...
 -- Espere aí! – protestou dona Branca, aceitando a provocação. – Não me venha comparar as bobagens de sua história com as emoções de minha. Na minha história...[...] (BANDEIRA, 1986, p. 16).

Certamente, esses fatos tem relações estreitas com o mundo real, ao qual estes jovens e adolescentes pertencem, todavia, a forma como estão dispostos no conto, refletem uma atmosfera leve, suave e cômica.

No momento em que as personagens perceberam que Jerusa conhecia a história de Feiurinha, fica evidente a relação entre os contos clássicos e a narrativa moderna, esse resgate da cultura popular. O trecho abaixo apresenta este momento.

Jerusa não era de grandes letras e, talvez por isso mesmo compreendeu muito bem o que era ter Branca de Neve a seus pés, beijando-lhe as mãos. Compreendeu que Branca de Neve, Feiurinha e tantas outras faziam parte de si mesma como seu próprio sangue. Eram seu passado, sua cultura. Compreendeu que elas também faziam parte do sangue de todos, ricos e pobres, negros e brancos, nascidos e por nascer. Compreendeu e começou [...] (BANDEIRA, 1986, p. 42).

Neste sentido, compreende-se que a cultura popular não é propriedade de nenhuma classe social, mas que pertence a todos os que se deixam envolver por ela. Jerusa começa a contar a história de Feiurinha e reforça em sua fala a força de uma cultura que perpassa gerações: “– A história da Feiurinha é dos antigos. Quem me contou, há mais de sessenta anos, foi minha avó, que também ouviu da avó dela. Era minha história preferida, com perdão das princesinhas” (BANDEIRA, 1986, p. 42).

Para Xidieh (1993), a sociedade é constituída por grupos, cada grupo possui seus costumes, suas crenças seus valores, sua cultura, e existe um conflito entre essas culturas, uma tentando vencer a outra, em geral a cultura civilizada, ou melhor, a cultura erudita tenta vencer a cultura popular, porém, como ressalta o autor, estas culturas menos favorecidas “resistem”.

Jerusa inicia a narração da história, e neste momento, percebemos que a narrativa é uma história que conta outra história, aspecto interessante refletido na obra. E Jerusa continua a narração dizendo que quando Feiurinha nasceu, umas bruxas foram até sua casa para tomá-la de seus pais, e assim fizeram.

As bruxas Malvada, Ruim e Piorinda raptaram Feiurinha e a levaram para bem longe, a pobre menina foi criada pelas bruxas e sua sobrinha, que se chamava Belezinha. As bruxas tratavam Feiurinha como empregada, a menina era responsável por todo o trabalho na casa, como se isto não bastasse, Feiurinha era constantemente humilhada, as bruxas falavam que ela era muito feia, a menina que não conhecia outro lugar, nem outras pessoas, acreditava em tudo

o que as bruxas falavam, mas na verdade Feiurinha era a mais bela das princesas como podemos constatar. A palavra “horrorosa” é utilizada para mostrar as características de Feiurinha na visão das bruxas.

Ajoelhou-se à beira do riacho de águas calmas e viu refletida sua imagem horrorosa, seus longos cabelos louros, cheirando a alfazema, sua pele rosada, seus olhos de um azul profundo... (BANDEIRA, 1986, p. 49).

Estas eram as características físicas de Feiurinha descritas na visão das bruxas, neste momento, em que Feiurinha olhava sua imagem refletida no lago, o bode que era um príncipe enfeitiçado observava tudo, a menina foi despindo-se na intenção de encontrar pelos menos um traço bonito no seu corpo. No momento em que a moça estava totalmente despida, o encanto do bode foi desfeito e ele voltou a sua forma normal, apaixonado por Feiurinha. O príncipe contou-lhe tudo o que as bruxas tinham feito com ele e que faziam também com Feiurinha. O bode, agora transformado em príncipe, contou que a menina era linda e que as bruxas queriam apenas confundi-la dizendo o contrário.

O príncipe voltou ao seu reino para recuperar suas posses, porém, prometeu voltar para casar-se com a menina. Feiurinha passou o resto do dia sonhando acordada, nem se manifestava diante das provocações das bruxas, despertando nas mesmas curiosidades, não demorou muito para que as bruxas percebessem que Feiurinha estava diferente, ao concluir o que tinha acontecido, as bruxas perguntaram pelo bode. Feiurinha caiu na armadilha e contou o que tinha acontecido, de imediato as bruxas ofereceram-lhe um presente de casamento, a menina, inocentemente aceitou sem imaginar que o presente estaria enfeitiçado.

Assim que Feiurinha vestiu o presente que era um casaco transformou-se numa bruxa como as outras, o príncipe, ao retornar para buscar sua amada deparou-se com cinco bruxas, sem saber o que tinha acontecido com a menina, o príncipe falou que mataria quem tivesse feito algum mal para sua amada, as bruxas concordaram com o príncipe tentando se passar por Feiurinha. A menina interveio em favor das bruxas pedindo ao príncipe que as deixasse viver, pois apesar de tudo, elas a tinham criado. Neste momento, o príncipe percebeu quem era que estava falando a verdade, com um corte na pele de uso enfeitiçada que a menina usava, quebrou o feitiço. E aquela bruxa transformou-se novamente na linda princesa. As bruxas atingidas por quatro raios transformaram-se em cogumelos venenosos. Feiurinha foi com o príncipe para o castelo dele, lá casaram-se e foram felizes para sempre.

O paradigma da beleza em *O fantástico mistério de Feiurinha* é quebrado, no momento em que a menina está transformada em bruxa por conta do casaco de pele de urso enfeitiçado, ela perde sua beleza física, sua beleza exterior, contudo, a beleza interior da princesa permanece

intacta, nesta narrativa, o padrão da beleza é ressignificado. No mundo contemporâneo, onde as pessoas ainda priorizam o padrão de beleza física, esta narrativa moderna ressignifica o sentido da palavra beleza, mostrando ser a beleza interior a mais importante.

Quando Jerusa termina de contar a história, o autor reafirma a necessidade de valorizar a cultura oral popular. Como podemos observar no trecho abaixo.

- Felizes para sempre! – gritei feliz. – Que maravilha! Agora já posso escrever a história da Feiurinha. Agora, quem sabe, poderei fazê-la reaparecer. Quantas histórias lindas, inventadas e contadas ao pé do fogo em noites de inverno por vovós cheias de imaginação, perderam-se por falta de alguém que as lesse! Será que, se eu escrever a história da Feiurinha, alguém vai ler? E será que muitos outros vão continuar lendo para sempre, para que Feiurinha não desapareça nunca mais? Preciso caprichar[...] (BANDEIRA, 1986, p. 60).

Diante desta citação fica evidente a preocupação do autor com a preservação da cultura popular que tem perdido espaço numa sociedade contemporânea, e ao mesmo tempo, como afirma Xidieh (1993), o autor, Pedro Bandeira, demonstra na narrativa, que esta cultura sempre arranja um jeito de sobreviver, e que uma forma de “imortalizar” as histórias advindas da tradição oral é escrevendo-as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, em todas as suas esferas, sem dúvida faz parte da história da educação. Literatura e cultura caminham lado a lado na formação do ser humano, por isto deve estar inserida na vida do ser humano desde cedo, pois assume papel importante e fundamental na formação cultural. Nesse sentido, a relevância da literatura infantil e juvenil é indiscutível, as funções a ela atribuída são de suma importância na formação da criança e do adolescente.

Em virtude do que foi mencionado ao longo dessa pesquisa é possível compreender a relevância da literatura infantojuvenil na vida das crianças e adolescentes, como também suas contribuições na sociedade, não é de hoje que a literatura infantojuvenil desempenha um papel fundamental na construção da personalidade, visto que trata de temáticas pertinentes no âmbito social de forma leve e lúdica.

Os contos de fadas advindos do folclore surgiram na antiguidade e ao longo do tempo se modificaram acompanhando as transformações sociais, assim, cada narrativa apresenta aspectos próprios da época e contexto social aos quais estão inseridas. Contudo, mesmo em épocas distintas alguns traços consideráveis permanecem vivos nas narrativas atuais, como por exemplo, a aventura, a fantasia, o desejo pela realização pessoal da personagem.

A obra em estudo *O Fantástico Mistério de Feiurinha* faz referência aos clássicos advindos da cultura popular, mais especificamente da tradição oral. A cultura oral popular perpassa gerações, visto que é uma cultura “viva” segue as transformações ou modificações sociais, como afirma Ayala (2003), mas está ali, presente na narrativa moderna. Algumas histórias contadas oralmente se perderam no tempo, ou sofreram modificações, assim como alguns costumes, também se perderam, era comum ver antigamente as pessoas sentarem-se nas portas de suas casas para contarem histórias, porém a agitação da vida pós-moderna não mais permite que alguns costumes da cultura rústica permaneçam.

Por meio deste estudo concluímos que a narrativa *O fantástico mistério de Feiurinha* demonstra a força e resistência da cultura popular que permanece viva nas narrativas atuais, o autor por meio da intertextualidade constrói seu texto a partir de outros contos incorporando aspectos modernos, mas deixando prevalecer o rústico, o popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYALA, Maria Ignez Novais. Aprendendo a Apreender a Cultura Popular. In: **Pesquisa em literatura (org.) Helder Pinheiro**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de Feiurinha**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1986.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- COELHO, Nelly Novais. **O conto de fadas: símbolos-mitos-arquétipos**. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. 1. ed. São Paulo: Global, 2017.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. A narrativa para crianças. In **Literatura infantil: teoria & prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- JUVINO, Analice da Silva. **A relação entre o conto de fadas tradicional e moderno**. Guarabira: UEPB, 2010.
- VELOSO, Mariza. MADEIRA, Angélica. Traços e Ritmos da Modernidade Brasileira. In: **Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz Terra, 2000.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo Mundo**. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.